

BRASIL-PORTUGAL

Fundador — Augusto de Castilho
DIRECTORES — Jayme Victor e Lorjô TAVARES.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Carlos Abreu,
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Annuario Commercial.

16 DE JUNHO DE 1912

N.º 322

JUIZO FINAL



Reprodução, á penna, dos celebres frescos de Miguel Angelo, existentes na Capella Sixtina

(Trabalho de Ricardo Bensaude)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 15 de junho de 1912

PAX VOBISCUM

NEM governo nem electricos. Nem ministros que nos guiem, nem carros que nos transportem. Com relação a ministerio, a verdade é que se está dando na Republica o mesmo que se passava na Monarchia. Não se lhe sentia a falta, e, quanto mais tempo elle levava a organizar-se, melhor se vivia. Eram dias de descanço nacional em que até gatunos e rufias davam tréguas ás suas façanhas. Não augmentavam as desordens, não subia o agio, não desciam os fundos, não havia perturbações no paiz. E como os ministros demissionarios são ministros mortos, até a moralidade publica ganhava, porque os jornalistas politicos suspendiam os doestos e as insolencias regateiraes em que é, em todos os regimens, useira e veseira a imprensa partidaria.

Mutatis mutandis, não é isso que se está passando?

Está o governo demissionario ha 12 dias e, tanto quanto pelas apparencias pode julgar-se, vae tudo correndo no melhor dos mundos. Os conspiradores da fronteira que, segundo os jornaes republicanos annunciavam, iam entrar dentro d'este periodo, suspenderam a arremetida e quedaram-se outra vez, em terras gallegas, desarmados e inertes. Porquê? Apressar-se-iam a responder, se lh'o perguntassem, que não estava nos seus propositos baterem-se contra moinhos, que são talvez menos romanescos e aventureiros, mas mais certos e praticos os D. Quichotes modernos, e que a Dulcinéa de hoje, a d'elles, não é menos amada do que aquella que o Cervantes creou, mas é mais exigente.

Ora aqui teem, se a não sabiam, a razão porque a incursão foi adiada. Não havia ministros responsaveis, ministros em carne e osso, ministros de *verdad*, havia, apenas, sombras, espectros, phantasmas de ministros, e revolucionarios que contra essas sombras attentassem eram revolucionarios de *biscuit*, heroes de contrabando, seriam, pelos tempos fóra, revolucionarios desacreditados. Por isso se conservaram quietos.

O que se passa com os electricos não é um aspecto menos interessante da situação.

Suppõem acaso que, se o sr. dr. Augusto de Vasconcellos carregasse ainda sobre os largos hombros com o peso ministerial de todos os seus sete collegas, se tinham as coisas passado como se estão passando?

De fórma alguma. Nem as classes operarias, que desde o principio adheriram moralmente aos grévistas, tinham cruzado os braços até aqui, nem a companhia tinha cerrado as portas. E a prova é que muitas *grèves* se teem dado na vigencia de ministerios fortes e nem uma deixou de ser logo solucionada, tendo para isso intervindo os proprios ministros, como succedeu com a do mesmo pessoal dos electricos ao tempo do governo provisorio. Andou numa dobadoura o sr. Antonio José d'Almeida, e só por se ter dado essa intervenção official de um governo de força, a companhia cedeu, os carros circularam e o pessoal foi melhorado na sua situação. A victoria de uns foi, como diria Calino, a derrota dos outros.

Agora, sem ministros, sem intervenção de qualquer natureza, está tudo numa paz octaviana, nada gira, nada meche, nem a companhia, nem os grévistas, nem as outras classes, nem os carros. Se socego é synonymo de paz, fluctúa sobre o torrão portuguez, sobre o torrão alfacinha, o symbolico ramo d'oliveira.

Houvesse governo, e tomasse elle todas as responsabilidades, que já ninguem se entendia, todos vociferavam, berravam e protestavam todos, a Companhia dos electricos, que gritava, em nome dos seus interesses feridos, os grévistas, que quanto mais obtivéssem mais exigiam, as outras classes, que pondo os olhos nas vantagens por elles conquistadas, davam actualidade ás suas antigas reclamações, reaccionarios e republicanos, estes, por certa ordem de razões e aquelles pelas contrarias, todo o mundo fazia um barulho que ninguem se entendia. Pois se o povo, toda a população de Lisboa, que é a mais lesada, porque lhe vão ás algibeiras, porque tem a toda a hora a vida em risco e as costellas num feixe, por-

que se vê obrigada a optar ou por andar kilometros *pedibus calcantibus*, ou por ir aos solavancos e encontrões dentro de uma carroça desengonçada ou de um omnibus pre-historico da Lourinhã ou de Alemquer, a propria população de Lisboa, que se houvesse governo já haveria feito alguma das suas — e, d'esta vez com milhares de razões, valha a verdade — até essa se tem contido nos limites da maxima prudencia, tudo aguentando a pé firme, sem um protesto, sem uma revolta, sem um queixume!

Continuemos, portanto, a pedir, não a Deus Nosso Senhor, que esse já nos não ouve, mas ao sr. dr. Manoel d'Arriaga, mas ao sr. dr. Duarte Leite, mas ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos, a todos os santos e santas da córte republicana, que por todos os meios consigam não formar governo, para futuro socego e descanço d'este paiz, até aqui tão perturbado e irrequieto.

JAYME VICTOR.

Ricardo Bensaude

Publicamos n'outra pagina d'este jornal um trabalho devéras notavel. E' a reproducção, á penna, dos celebres frescos de Miguel Angelo na Capella Sixtina: *Juizo Final*.

Não é só a correccção do desenho, a fidelidade da copia, e o talento que tudo isso revela, que notabilizam esse trabalho artistico. E' a circumstancia de ser auctor d'elle um rapaz, ainda muito moço, cujas fecundas faculdades de pintor já n'outras obras se teem largamente revelado.

Basta examinar attentamente este trabalho primoroso para afirmar que Ricardo Bensaude será amanhã, sem duvida, uma gloria incontestada na arte da pintura em Portugal.

Deveras lhe agradecemos o prazer que nos proporcionou de offerecermos hoje essa joia preciosa a todos os amigos do *Brasil-Portugal*.

E aproveitamos o ensejo, ao tratar do filho, de falar dos paes.

Mauricio Bensaude, o já famoso artista lyrico, deixa-nos, seguindo com sua esposa para o Brasil, onde vão ser mais uma vez glorificados na interpretação da *Serva Padrona*, do grande Pergolesi. Que o Rio de Janeiro e as outras cidades da Republica acólham os dois artistas portuguezes, com a affeição que merecem, são os nossos votos, que sinceramente expressamos.

Canção de um viandante

A POUSADA

Recolheu-me, não ha muito,
Uma hospedeira excelente;
A divisa — um pómo de ouro
De um alto ramo pendente.

Era bela macieira
Quem me deu acolhimento,
E no suco de seus frutos
Tive um optimo alimento.

Leves hospedes alados
A' sua pousada chegaram,
E ali em pleno banquete
A exultar se regalaram.

Achei cama primorosa
Na macia e verde alfômbra,
Minha coberta — a hospedeira
Com a sua fresca sombra.

Pedi-lhe a conta . . . Ella a copa
Agitou com doce mimo.
Bem dita sejas p'ra sempre
Da raiz até ao cimo!

"Titanic"

A belleza tragica de uma catastrophe horrivel

Os annaes maritimos são ferteis em cataclysmos cujas proporções e natureza extranha nos assombram e nos deslumbram, por isso que no mar mais do que em parte alguma, o homem se nos revela em toda a sua naturalidade e grandeza, como que encastado na immensidade que o esmaga, debatendo-se na lueta titanica contra os elementos que o cercam e tendo por unico apoio, um convez que oscilla á mercê das vagas, por unico guia astros que se apagam á mercê das nuvens, e por unica orientação — a bussola — essa vidente suggestionavel, que se desvia e enlouquece, sempre influenciada pelas attracções do ferro, sempre na contingencia das perturbações magneticas.

Os annaes maritimos tem passagens palpitantes de angustias e heroicidades, em que o homem como que se divinisa, sobrelevando-se ás barreiras do instincto, e ao lel-as, sente-se ora a emoção empolgante de quem folheia o Apocalypse, ora a commoção mystica e internedecora de quem compulsa um evangelho.

O naufragio do *Titanic* é, sem duvida alguma, a nota mais aguda d'esse teclado de martyriologias, mas como facto concreto, não passa de um grande desastre, vestido de proporções épicas e soluçante de consternações.

Considerado porém sob o ponto de vista philosophico e moral, o naufragio do *Titanic*, pelo conjuncto de circumstancias anomalas e extraordinarias que o caracterizam, é bem mais do que tudo isso, porque representa a affirmativa eloquente, consoladora e incontestavel, da supremacia da nossa especie, porque figurará eternamente como um attestado de honra escripto pelo proprio destino sobre as paginas glaucas do Oceano, porque finalmente symbolisa um quadro, imponente, gigantesco e deslumbrante, em que o homem se destaca n'uma apothose de gloria, aureolada de luz, como que calcando aos pés os instinctos da conservação n'um nobre impulso de altruismo e de bondade, que o leva até ao esquecimento de si mesmo, até ao sacrificio da propria vida, pelos velhos, pelos fracos — pelas creancinhas.

No naufragio do *Titanic*, perdeu-se o maior, o mais poderoso e o mais aperfeiçoado dos navios até hoje construidos segundo os ensinamentos da pratica e dictames mais arrojados de sciencia, e isto, como uma cruel ironia, pelo simples choque d'essa massa gigantesca de aço de uma estrutura cyclopica e animada de uma velocidade

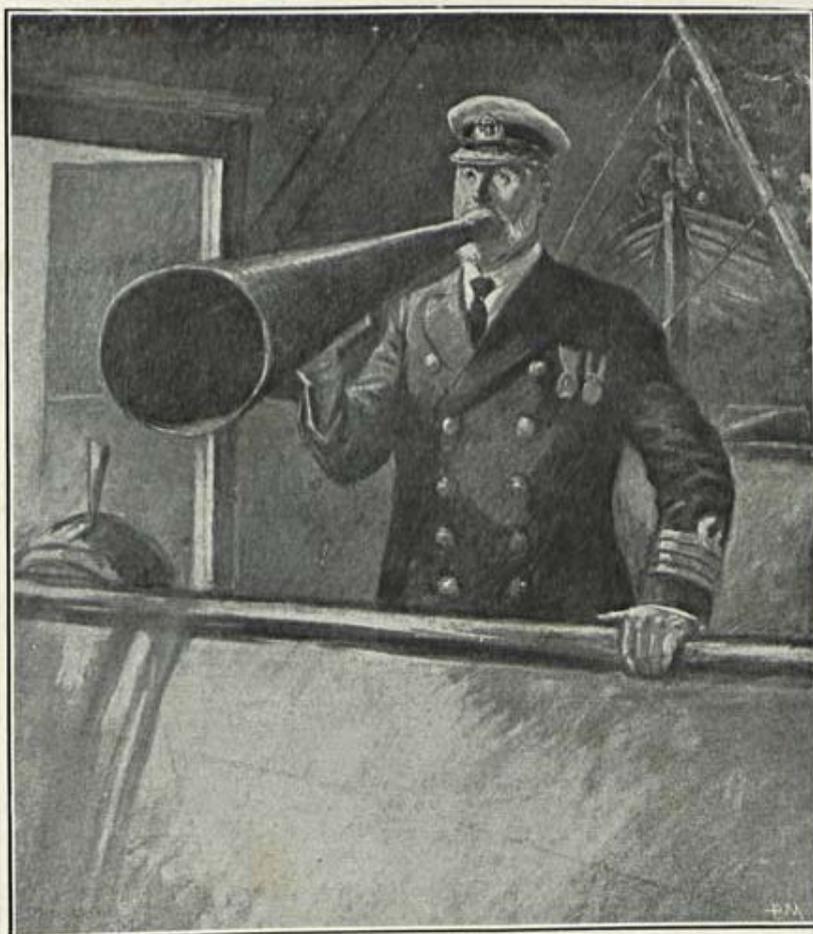
louca, contra um bloco fluctuante de gelo, aparentemente inerte e inofensivo, estatico na sua brancura vitrea... alvejante e fria.

E foi na calma obscuridade de uma poetica noute sem lua, sob o olhar amoroso de estrellas scintillantes, n'um mar tranquillo coberto de gelo e refulgente de sonhos, que o mais gigantesco, o mais luxuoso e o mais arrojado invento das concepções navaes, se afundou para sempre nos abysmos do Oceano, com a sumptuosidade fulgurante de uma cidade em festa, como um grande facho que mergulha e se apaga, arrastando no seu seio como n'um sumptuoso esquite, milhares de vidas sepultas na voragem, como n'um erario monstro, as riquezas fabulosas amontoadas no seu bojo, e como um sacrario resplendente, toda a angustia, todo o martyrio e toda a saudade, de mil corações despedaçados e de mil existencias torturadas.

Com o naufragio do *Titanic*, tudo se afundou; o engenho, a vaidade e a riqueza como que concretisados n'essa maravilha da

mechanica; tudo se afundou, menos a dignidade humana, menos a alta cotação da sciencia, menos o prestigio da religião e da fé. Esses, com estimulos ideaes, que nas horas solennes embalam a esperanza, reforçando as energias da vida e dando esteio ás aspirações do espirito, esses, como nunca talvez, pela linguagem insophismavel dos factos, foram proclamados, comprovados e exaltados até á evidencia, até ao deslumbramento: porque, desse naufragio, d'esse desastre, d'essa catastrophe horrivel, ficou boiando, fluctuando, como que emergindo, a sonancia mystica das abnegações sublimes, o poder miraculoso e a utilidade redemptora da telegraphia sem fios, o valor abençoado da disciplina inquebrantavel dos inglezes, a affirmativa consoladora emfim, da grandeza moral do homem perante as contingencias, perante as maiores angustias, perante a propria fatalidade! — E isto tudo, confirmado no naufragio do *Titanic*, por mil formas e insophismaveis revelações; e isto tudo comprovado por factos frisantes indiscutíveis e multiplos; e isto tudo evidenciado por exem-

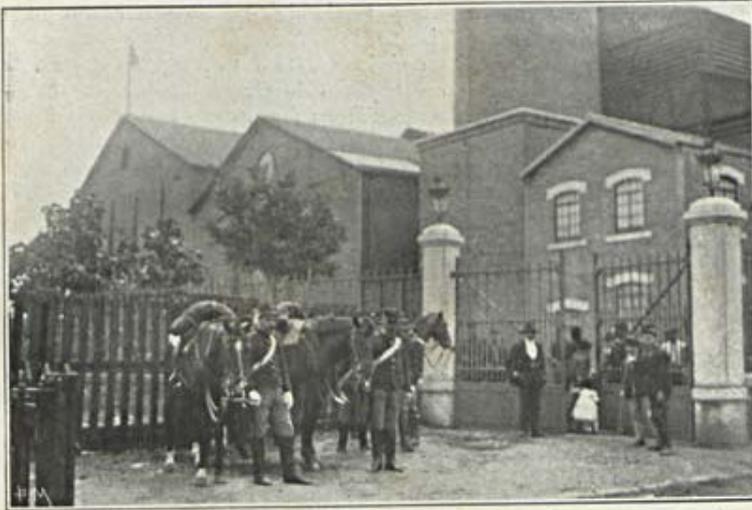
O naufragio do "Titanic"



A ultima ordem e supremo appello do Commandante Smith á tripulação do «Titanic» — «Be British»

plos de toda a casta e por protogonistas de toda a natureza; a começar, n'esse commandante, criminoso heroico, impellido ao vortice pelo *go-ahead* irrefreavel da sua gente e arrastado á temeridade, pelo *size and speed* peculiar á sua raça, até terminar n'esse abençoado telegraphista Philips tão nobremente immolado ao dever, n'essa marinhagem surprehendente de brios e abnegações na azafama de salvar os outros... n'esses musicos admiraveis, que até á ultima hora, já a despenharem-se, ainda encontravam energia na sua vontade e alento no seu coração, para tanger os violinos acompanhando o côro das victimas, para erguer até Deus esse derradeiro cantico da fé, esse *Sursum Corda* victorioso, que enchendo e transbordando o abysmo, chega até nós como a ultima réplica ao irremediavel, como o supremo arranco da illusão e da dor!

A greve do pessoal dos electricos

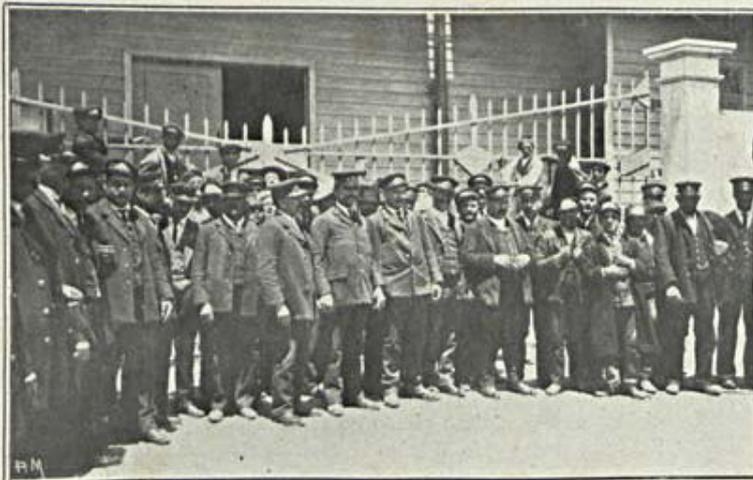


A guarda republicana guardando a fabrica da electricidade

Hoje, ao revermos todo esse amontoado, de telegrammas, commentarios, apreciações, alvites e inqueritos, a que tem dado lugar a catastrophe de ha pouco, reconstituimos a tragedia ingente em todos os seus detalhes e deliniamos e devisamos o *Titanic*, destacando-se impavido sobre um mar de gelo, imponente e fulgurante como uma cathedral em festa, alvorado em scenario de agonias, e tendo a cingil-o, como um halo gotejando lagrimas, esses barcos atulhados de mulheres e creanças (de esposas e mães, de irmãs e filhos), todas galvanizadas pelo assombro, todas debatendo-se na expectativa asphixiante d'esse epilogo previsto e inevitavel, todas devisando lá no alto onde a agua ainda não chega, o vulto spectral d'esses entes estremecidos, condemnados irremediavelmente á morte.

E' como se o spectaculo se repetisse de novo aos nossos olhos, com toda a imponencia das suas proporções descomunes, e vissemos atonitos desenrolar-se a epopeia soberba do heroismo maneatado e impotente, defrontando impavido a morte que se aproxima, e prepassar perante as victimas, como visão afrontosa da maior das angustias, a imagem teritante d'essas creanças que choram e agonizam, d'essas mulheres queridas que imploram a distancia, erguendo de balde os braços suplices, no desvário do desespero... e da dôr.

Relembrar o naufragio do *Titanic*, é como que fazer reviver toda a surpresa, todo o espanto e todo o horror, do choque d'um monstro na sua arremetida cega, contra um *iceberg* fatidico na sua impassibilidade de gelo. — Rememorar esse naufragio, é ver duas



A greve do pessoal dos electricos — O pessoal á porta da estação do Arco do Cego

mil creaturas despertadas em sobresalto, d'um sonho de faustos e grandezas, e lançadas de chofre nas ancias da incerteza, do pavor e do alarme. — E' assistir a um spectaculo macabro, em que o enredo a principio se mascara de regosijos e solemnidades, acabando por se evidenciar tetrico e nu, sinistro e livido, pelo mais cruel dos desenlaces.

Após o choque, após o susto e a surpresa do primeiro instante, a calma renasceu a bordo: o paquete continuou illuminado, a officialidade nos seus postos e a orchestra a entoar musicas alegres, como se nada tivesse havido de anormal; e isso, devido á confiança inabalavel dos passageiros e da propria equipagem na construcção d'esse primor, que os technicos proclamavam como a ultima palavra de architectura naval, e que toda a imprensa, todo o mundo, asseverava ser, uma boia ostentosa e insubmergivel!

Pouco depois, porém, era affirmado o diagnostico em toda a singeleza da sua eloquencia e estabelecido o prognostico em toda a crueza da sua realidade: o *Titanic* abalroara por estibordo contra um *iceberg* colossal, que o anavalhára com suas arestas submersas e abaixo da linha d'agua, rasgando-o n'uma extensão immensa da sua querena e fazendo invadir simultaneamente pela agua sete dos seus compartimentos estanques. — Tudo estava pois irremediavelmente perdido; porque o navio apesar das suas bombas poderosas, apesar do seu tamanho descomunal,



A greve do pessoal dos electricos — Um carro de Eduardo Jorge, apinhado de passageiros
(Phot. de ***)

apesar de todos os recursos com que a sciencia e a arte o pre-munira, não podia resistir por mais que algumas horas a essa brecha hiante aberta no seu flanco, a essa invasão torrencial que abarrotando os seus porões, o obrigava a mergulhar submisso, sob a pressão dominadora das aguas triumphantes.

Então começa a manifestar-se em expedientes desesperados, toda a anciedade febril dos momentos supremos, e a delinir-se em toda a sua pujança, um drama mais empolgante do que todas as concepções de Shakespear, acompanhado por esse immortalizado hymno, que resôa hoje até nós, mais commovente do que as mais commoves inspirações de Beethoven.

A telegraphia sem fios, insiste offegante a irradiar o seu apello por toda a extensão dos mares; ouvem-o *Cap-Race* e varios vapores a diferentes distancias, mas uns como o *California*, não atendem aos fogachos e aos signaes e tornam-se cúmplices do desastre; outros como o *Kurfust* são morosos em responder, na apathia symptomatica da sua má vontade, outros finalmente como o *Carpathia*, occorrem pressurosos, inscrevendo-se benemeritos nos annaes da humanidade.

O anccio dos moribundos encontra pois, echos de sympathia na consciencia dos bons, mas embate, como tudo, como sempre, contra as paixões e as miserias da

vida, por isso que até ante a imminência d'essa catastrophe tremenda, ante a propria supplica de um vencido ajoelhado e de mãos postas, se faz sentir a aversão simulada e a lucta accessa da rivalidade anglo-germanica, e se revela com um cynismo que entristece, todo o aspecto mesquinho das vaidades que se degladiam, toda a cegueira perversa do orgulho e dos interesses que se chocam, tudo o que ha de absurdo e lamentavel n'esse duello travado entre o systema Marconi e o systema Telefunken.

Mas o tempo decorre, e o perigo avoluma-se com o tempo que decorre.

Estão duas mil e tantas pessoas a bordo, e os salva-vidas e as jangadas não bastam.

O navio immerge de mais em mais; como que se presente o despenhar, e se experimenta já a atracção do abysmo.

O instinto da conservação e o egoismo humano, insurge, fermenta e rugem... e o commandante então, que bem o sente e o adivinha, erguendo-se em toda a imponencia da sua auctoridade de chefe, como Nelson, apella em nome da Inglaterra para a disciplina e para a coragem dos inglezes; e a disciplina mantém-se, e a coragem manifesta-se altiva, serena e esplendida, como nunca, e como os heroes de Trafalgar, como os martyres de Birkenhad, todos, desde Astor e Spead no seu decoro altivo e nobre de *gentlemen*, até o ultimo marinheiro, até o derradeiro fogueiro, até ao infimo creado, todos, passageiros e tripulantes, electricizados por essa invocação prestigiosa, enlevados por essa idéa suggestiva



A greve do pessoal dos electricos — Os carteiros nos antigos carros de caça da Casa Real

e dominadora, todos prestam homenagem aos fracos, todos dão preferencia ás mulheres e ás creanças, todos se deixam morrer lindamente... cumprindo o seu dever.

Hurrah for England.

No naufragio do *Titanic* ha contradicções estranhas de uma significação inconfundivel. Assim, ao contrario do que é habitual e logico, n'esse naufragio, salvou-se o que havia de mais ephemero de mais apagado e de menos destro, morrendo ás centenas, os fortes, os competentes e os ageis!

E tudo isso devido a que, e de que modo? Tudo isso, porque foram os officiaes e os marinheiros que tudo sabiam, tudo previam e tudo mandavam, os que obedecendo a um altruistico criterio de selecção, escolheram, ajudaram e favoreceram o embarque das mulheres, das creanças e dos velhos, garantindo assim a esperança e a vida aos que não pediam nem sabiam lutar, e condemnando-se a si mesmos, sem vislumbre de remissão, a uma morte afrontosa e inevitavel.

Assim, ao contrario do que succede geralmente, os que se salvaram, apenas nos despertam pezar, porque soffreram muito e viram perecer os outros; e são os que morreram, que nos despertam admirações e respeito, por isso que se não salvaram, por isso que se deixaram morrer pelos outros! — E o que é mais ainda, é que se reconhece mesmo na linguagem dos que sobreviveram e que provadamente não violaram nem preteriram o minimo preceito da correcção e da honra, qualquer coisa de vago titubante e receioso, como se sentissem sob a pressão de uma suspeita aviltante pelo facto de se terem salvo, como se vissem insatisfeitos e torturados, na preocupação inervante de uma dúvida inconfessavel.

E tudo isso que ressumbra da reportagem e dos depoimentos nos inqueritos, como que se conjuga e harmonisa com a ori-



A greve do pessoal dos electricos — Um carro de Cintra

ginalidade e grandeza d'essa desgraça, que apesar de enorme, apesar de horrivel, apesar de unica no seu genero, tem o quer que é, do pranto e da prece, o quer que seja de *amargo* e *dóce* ao mesmo tempo, alguma coisa enfim, de tão grande e cruel que nos fulmina, de tão bello e resplendente que nos deslumbra.

O naufragio do *Titanic* é uma affirmativa consoladora e uma grande lição moral, comprovando á sociedade, que a nota sublime da vida é a nota do sacrificio.

JOÃO AUGUSTO MARTINS.

PENSAMENTOS

O que na mocidade nos atormenta muito e nos leva a acções desesperadas será uma insignificancia para olhos mais velhos, para sentidos mais embotados e para uma comprehensão mais completa.

JORGE MEREDITH.

Não dizer o homem o segredo que sabe é muito; mas não dizer que sabe o segredo é muito mais. Porque? Porque não dizer o segredo que sabe é guardar segredo ás coisas, mas não dizer que sabe o segredo é guardar segredo ao segredo.

PADRE ANTONIO VIEIRA.



A greve do pessoal dos electricos — Um char-à-banc dos arrabaldes

(Phot. de ***)



A greve do pessoal dos electricos—*Uma galera do Jacintho, conduzindo passageiros de Lisboa para Belem*

Ernesto Quadrio

Deveras sentimos o vermos privados de hoje em diante da dedicada cooperação que nos prestou durante os ultimos annos na Republica Argentina, e especialmente em Buenos Ayres, o sr. Ernesto Quadrio.

Tendo de espalhar por outro campo a sua actividade deixa, por este unico motivo, de continuar a prestar ao *Brasil-Portugal* os relevantes serviços que deram logar ao nosso reconhecimento, o qual, ao despedirmo-nos, nos apraz registar n'esta columna.

O corpo e a alma

Diz a pobre alma ao corpo: não te abandono, quero ficar contigo, contigo quero abysmar-me na noite e na morte, contigo beber o nada. Tu tens sido sempre o meu segundo eu, envolvendo-me amorosamente como um vestido de setim docemente forrado d'arminho... Ah! é preciso agora que, inteiramente nua, inteiramente despojada do meu querido corpo, um ser puramente abstracto, vá errar lá no alto, como um nada feliz, nos reinos da luz, n'esses frios espaços do céu, onde as eternidades silenciosas me olham, a bocejar. Ellas arrastam-se lá por cima cheias d'aborrecimento e fazem um barulho insipido com as suas chinellas de chumbo. Oh! é horrivel! Fica, fica, commigo, meu corpo muito amado!...

E diz o corpo á pobre alma: Oh! consola-te! Não te afflijas d'esse modo. Nós devemos suportar em paz a sorte que nos marcou o destino. Eu era a torcida da lampada, é necessario que eu me consuma; tu, o espirito, tu serás escolhida lá no alto para brilhar, linda estrella, com a luz a mais pura. Eu não passo d'um farrapo, não sou senão materia; é preciso que eu me dissipe e que torne ao que era:— uma pitada de cinza.

Adeus, e resigna-te! Talvez que até pelos ceus se divirtam muito mais do que tu pensas. E se encontrares a grande ursa na abobada dos astros, dá-lhe mil recados da minha parte!...

HENRI HEINE.

Trovas

Quando eu morrer, anjo amado,
— Só a ti devo dizel-o —
Quero ser amortalhado
Nos crepes do teu cabelo.

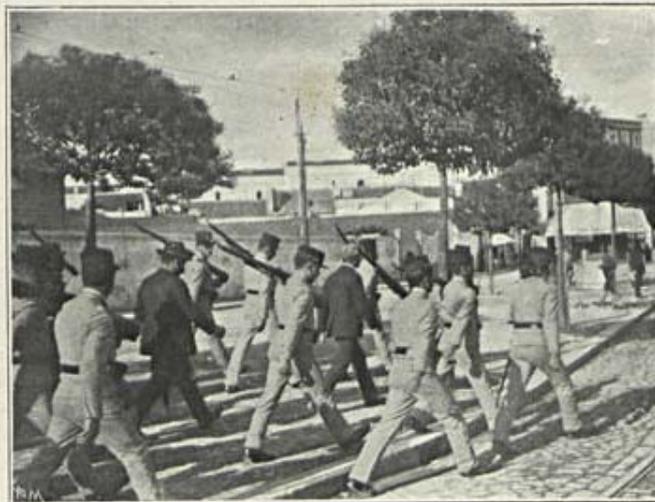
Só a ti devo dizel-o,
Que sabes a devoção
Que tenho ao negro cabelo
Que me prende o coração.

A ARTE

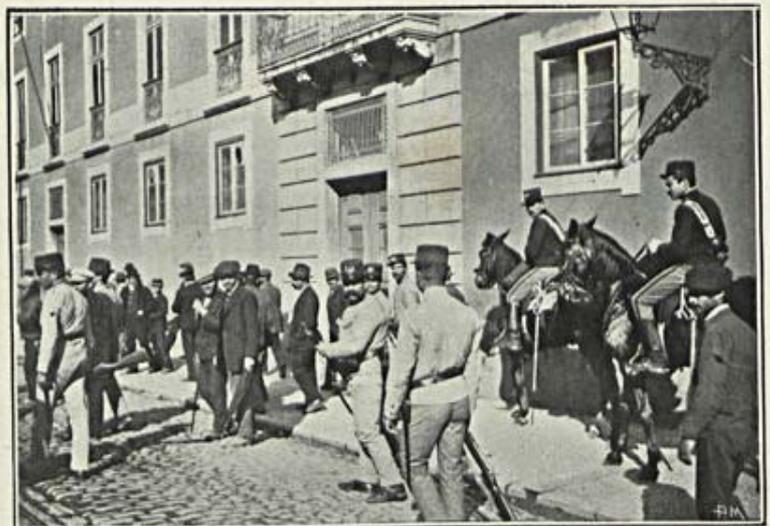
E a arte? quanto deve a arte ao bello ideal, ao brilhantissimo ideal religioso!

O genio da arte, que despontara atordoado e alastrara nos ziguezagues da incerteza pelas paragens do levante; que obtivera uma consagração classica, mas sensual, nos marmores da culta Grecia, e manchara, n'um delirio de torpezas, o scenario vistosissimo de Roma, cingiu novos ninhos, tomou novas azas, rasgou novos horisontes, e constellou de produções novas a esteira esplendorosa dos seus vãos.

Então os homens fizeram ajustar a este ideal a sua obra — a este ideal, que é um facto no espirito, a sua obra, que é uma idéa no universo. E exploraram montanhas e derreteram metaes, e derrubaram florestas, e talharam madeiras, e alisaram telas, e inventaram tintas, e combinaram votos, e arremesaram aos ares esses celeberrimos templos da christandade, em que a architectura, a esculptura, a pintura, a musica, a poesia, e a oratoria colligam e confraternizam n'um pensamento commum — esses templos magni-

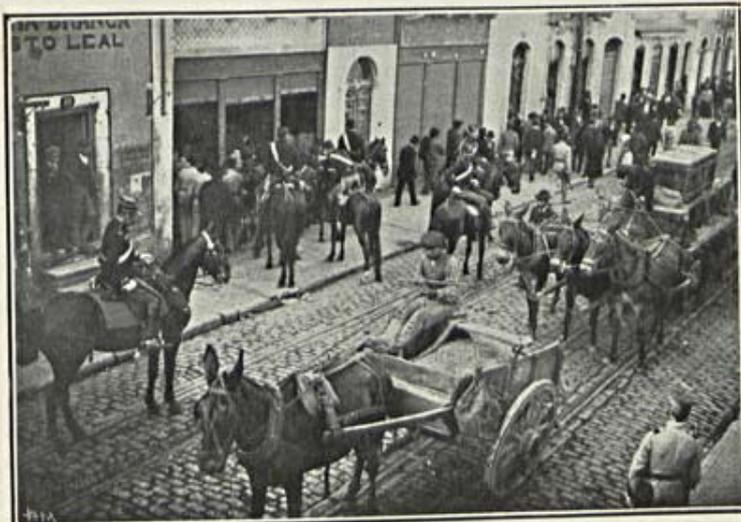


A greve do pessoal dos electricos — *Individuos que se foram inscrever para trabalhar na estação do Arco do Cego e que depois sahiram protegidos pela força armada.*



A greve do pessoal dos electricos — *A guarda republicana dispersando os grevistas no Largo do Calvario, junto á Escola Normal*

(Phot. de ***)



A greve do pessoal dos electricos — A cavallaria da guarda republicana perseguindo os grevistas na rua da Junqueira
(Phot. de ***)

ficos, magnificentissimos, verdadeiras arcas d'alliança que testificam e pregoam a nossa união com o Verbo Omnipotente, com o supremo e eterno artista — Deus.

Assim poudes vislumbrar-se no finito a realidade do infinito: o homem, imagem de Deus, a crear, á semelhança de Deus. A architectura fórma o continente, o mundo d'essas creações, no qual excedem as columnas como primores de vegetação e as capellas como ceus das idéas. A esculptura povoa esse espaço de innumeras estatuas que parecem respirar e orar por entre os crystaes das lampadas, que tremeluzem como estrellas, e as grinaldas de pedra, que desabrocham como flôres. A pintura illumina esse ambiente de mysticas auroras dando aos quadros as côres de prisma e aos vidros os fogos de brilhante. A poesia e a musica casam-se unisonantes para exprimirem todos os graus do sentimento e da dôr, fazendo ouvir em meio das cadencias dos hymnos, que semelham preces de anjo, as harmonias do orgão, que se confundem com os suspiros da alma.

ALVES MENDES.

ANECDOTAS

No tribunal:

- Como se chama?
- Aurelia da Conceição.
- Que idade tem?
- Vinte e cinco annos.
- O seu estado?
- Interessante.

N'uma carruagem de 1.^a classe:

- V. ex.^a incommoda-se com o fumo do charuto?
- Muito.
- Creia, minha senhora, que sinto deveras o que V. Ex.^a vae soffrer durante a viagem.

Calino no tribunal:

- Como se chama?
- Calino.
- Quantos annos tem?
- Cincoenta e quatro annos, oito mezes e tres dias.

- Casado ou solteiro?
- Casado...
- Com quem?
- Com uma senhora.
- Naturalmente.
- Naturalmente, não sei porquê! Minha irmã é casada com um homem!

Perguntavam a Litz a sua opinião sobre uma pianista.

- Deve ser uma mulher muito caridosa... porque a sua mão direita ignora sempre o que faz a esquerda.

D. Ximenes querendo castigar sua neta, disse-lhe:

- Ande, menina, vá metter-se no seu quarto, feche a porta, e traga-me a chave immediatamente!

Calino lia attentamente os proclamas de casamento publicados em um jornal.

Um amigo interrompendo-o:

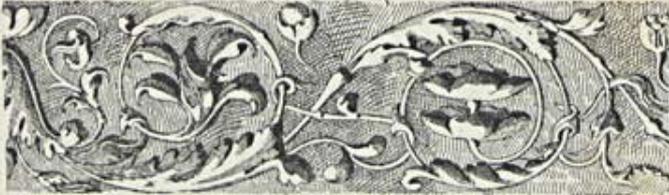
- Procura alguns nomes conhecidos?
- Não: quero saber se casam mais homens que mulheres.

“La Serva Padrona”

de G. Pergolesi



Madame e Mauricio Bensaude



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

VI

NOTAS D'UMA VIAGEM

NUMA tarde d'outomno, abafadiça, eu parti a viajar. E abordei a terras estranhas onde resplandecia o Sol, como um facho de luz immensa, fecundando os campos. Vicente, meu companheiro e meu amigo, levou-me por entre as ruas alegres da cidade, a repousar da fadiga intensa. Descançado e lavado, comecei peregrinando n'essa mesma tarde; e fui arribar, com Vicente ao lado, a um grande largo onde havia festa. Uma multidão enorme saracotiava-se alegre. Rociei-me pelas frescas cascas dos vestidinhos garridos; e fui apresentado pelo Vicente, a um grupo de primeira grandeza social, que se compunha de cinco figuras dominantes no avanço do progresso. De espinhella curvada cumprimentei respeitoso; e a voz forte d'um corpinho esguio, martellou nos meus timpanos assustadiços, esta interrogação:

— O cidadão é apologista do triumpho emancipador, não é verdade?

— Nem se pergunta! — balbuciei obsequioso.

— Pois então vá lá logo... — e o corpinho esguio do vozeirão forte trilhou-me os dedos n'uma tocarola valente.

Eu fui. Com o amigo Vicente, ao romper das oito, tomava assento na assembleia augusta do progresso, entre a delegada da *liga das saias calção* e a *secretaria da união do pensamento voador*. Achavamo-nos em plena assembleia feminista; perante as emancipadoras das saias; perante os narizes esguios ornados de lunetas, com muita guizalhada nos pulsos e berrantes gravatas bicolors. Na minha frente, sobre a presidencia, uma moldura rica encaixilhava o rosto venerando d'um ancião sorridente. Tinha a expressão angelica d'um bemaventurado; a barba nevada d'um patriarcha. E dos seus labios parecia gotejar, sobre uma nuvem de anjinhos rubicundos que lhe atravessavam o busto, beijnhos repassados de candura fraternal.

— Quem é, Vicente? Quem é aquelle patriarcha de perinha branca? — perguntei curioso.

— E' o pae Bernardino! — respondeu-me o amigo com voz comovida.

— O pae?! o papá das madamas?

— Não. O pae de todos os fructos livres do progresso. É um symbolo!

Eu, com comoção, erguendo-me um pouco do meu lugar, cumprimentei o prestante cidadão symbolico com devoção temente:

— Creado de V. Ex.^a... Creado de V. Ex.^a... Que por muitos annos e bons o seja...

A campanha retiniu forte, e um reboliço de cadeiras atroou os ares.

No estrado presidencial destacou-se uma figura de volume assustador, de rolo em punho. No topo da cabelleira, fulva e desgrenhada, um *canotier* á banda tremulava, com um penacho vermelho, esvoaçando inquieto; e sobre o lado direito do seio cahido, uma medalha luzia, presa n'um laçarote de côres vivas.

Lançou um olhar prescrutador pela sala e aconchegando sobre a face espalmada os oculos de aro dourado, começou:

— Camaradas! — Camaradas! E preciso rachar os obstaculos que se antepõem ao nosso caminho triumphante! — E assentou um murro convincente sobre a meza tribunicia.

— Ai Vicente que ella bate...! — Preveni receioso, tentando erguer-me. Mas o meu amigo, sem me dar attenção, continuou imperturbavel olhando com delicia aquella figura reivindicadora dos direitos feministas. Ella continuou animada pelos aplausos da assistencia:

— Reduzir a pó esses obstaculos é um dever. E qual cilindro, que esmaga nas estradas os tortulhos embaraçosos do progresso, nós esmagaremos os diques afrontosos que a inconsciencia mácha

tenta oppôr á nossa cavalgada brilhante no immenso picadeiro da civilização. Esmaguemos o sexo dispotico, camaradas, esmaguemos!

— Esmaguemos! — repetiu entusiasmada a assembléa.

— E se nos atarem os pulsos, esmaguemos com os pés!

— Com os pés, — tornou a assistencia.

— E se nos prenderem os pés, com os dentes!

— Com os dentes! — apoiaram todos n'um clamor intenso.

— Ai, Vicente, ellas mordem!... A coisa está séria, Vicente!...

— tornei afflicto pondo-me em pé resolvido a partir.

O meu amigo Vicente sorriu; e consultando o relógio, ergueu-se tambem.

No fim da escada, ainda como uma ameaça, eu ouvi retinir um murro esmagador, e, n'um echo longiquo, a voz da oradora voci-ferava:

— E se nos prenderem a bocca, então...

O tinir d'um electrico abafou o fim do protesto.

O Céu apresentava uma linda cobertura de estrellas; o Vicente amigo enfiou o seu braço no meu; e galgámos apressados tres ruas ingremes e uma avenidinha arejada. Defronte d'um predio claro de azulejos novos, parámos; e o Vicente fez retinir uma campainha electrica. Um creado veio abrir mesureiro. Subimos.

— Onde estamos, Vicente? — perguntei.

— Em casa do ministro plenipotenciario da Iliria. Uma festa diplomatica. Vem hoje aqui tudo que desempenha uma função official e grande n'este paiz.

Pela escadaria subia magestoso um par. Um creado annunciou com voz possante. «Sua Ex.^a o alto commissario geral e Sua Ex.^a a alta commissaria geral». O ministro dirigiu-se a recebê-los no topo da escadaria, um pouco embaraçada na cauda, Sua Ex.^a a alta commissaria geral, estendeu logo a mão ao diplomata e interrogou sorridente:

— Então, bomsinho de saude, *monsiúr*? E a sua madama, boa?

O representante da Iliria, depois de saudar o alto commissario que afavelmente lhe sorria, curvou-se respeitoso n'um requinte de gentileza, ante a illustre dama, beijando-lhe a mão. Sua Ex.^a, a alta commissaria, n'um impulso de pudor retirou-a apressada, e muito vermelha admoestou em voz baixa:

— Oh! Sr. Ministro que faz! Esteja quieto, olhe que meu marido pôde vêr!...

E muito compromettida, enquanto o diplomata sem perceber nada se dirigia a outros convidados, enfiou o braço no do alto commissario, segredando-lhe maguada:

— Olha, ó Marques, parece-me que o melhor é irmo-nos embora...

— Porquê, menina?

— E' que... E' que... já vi uns certos *astrevimentos* de que não gosto.

Nos salões da legação da Iliria, a luz inundava a jorros; e uma orchestra no salão principal vibrava em deliciosas melodias.

A um canto, a ministra conversava resplandecente de rendas finissimas que lhe envolviam o busto branco e rosado. Com um acento pronunciadamente estrangeiro, lamentava a uma alta dama da córte a falta que havia n'aquelle paiz, de senhoras habilitadas a dirigir a educação d'uma menina. A alta dama da córte, ouvia-a attenta, fazendo com a cabeça signaes aprovativos, e, quando a esposa do representante da Iliria terminou, tomando uma attitude magestosa como quem vae proferir uma sentença augusta, declarou, mirando pelo *lorgnon* dourado a diplomata:

— *Oui. Ici manque beaucoup des sage-femmes!*

A ministra da Iliria sorriu, e disse que felizmente não precisava...

A orchestra continuava soltando melodias suaves; e o portão da sala de meza abriu-se para a ceia. Pouco a pouco, os salões esvaziaram-se e em volta da meza dos representantes da Iliria foram-se sentando as altas dignidades do paiz. A' direita do ministro, a Princeza Cezarina, esposa do pretendente ao throno; á direita da ministra, o Gran-Duque Arthur, Cavalleiro da Ordem dos Arminhos Novos, soberbo na sua casaca preta, com collarinhos molles, que a gravata de setim branco apertava. O diplomata cheio de gentileza, conversava com a Princeza, interrogando-a sobre a sua saude. Esta, limpando o garfo á ponta do guardanapo, muito vermelha de comoção, agradecia:

— *Merci, merci, aux chevallier. Je sui bonne...*

Os chrystae e as pratas brilhavam sob os lampiões enormes, d'onde a luz cahia intensa no linho roza da toalha; e o sussurro de boa disposição esvoaçava por toda a encrme sala onde os *pannaux* ricos ornavam as paredes altas que a talha emoldorava. Os creados, agaloados de amarello e prata, serviam perfilados de cal-

ção e meia. Um estalo annunciou o Champagne; e uma rolha dourada voou, indo cahir aos pés do Gran-Duque Arthur. Este, que seguia attento e deslumbrado toda a *mise-en-scene* faustosa dos salões da Iliria, não pôde conter uma exclamação jubilosa em que ia todo o seu apreço.

— Catitissimo! — E levantando-se apanhou a rólha, limpou-a ao seu guardanapo, e um pouco curvado ante a fardá brilhantemente agaloadá do servo empoadado, entregou-lh'a: — Aqui está a rolhinha, cavalheiro!

Eu observei ao meu amigo Vicente a delicadeza do Gran-Duque.

— O homensinho é Mathias, Vicente!

E collocando os aristocraticos labios na taça dourada, bebeu d'um trago.

O diplomata olhou espavorido; eu lavei os dedos; e trocados que foram os affectuosos brindes, levantei-me com Vicente ao lado.

— E' tarde, amigo, vamo-nos.

Na rua, o ar fresco da manhã, bateu-me no rosto quente; e ao longe, sobre os montes altos que rodeavam a cidade, um clarãozinho de luz viva, annunciavam o dia. Um gallo cantou forte.

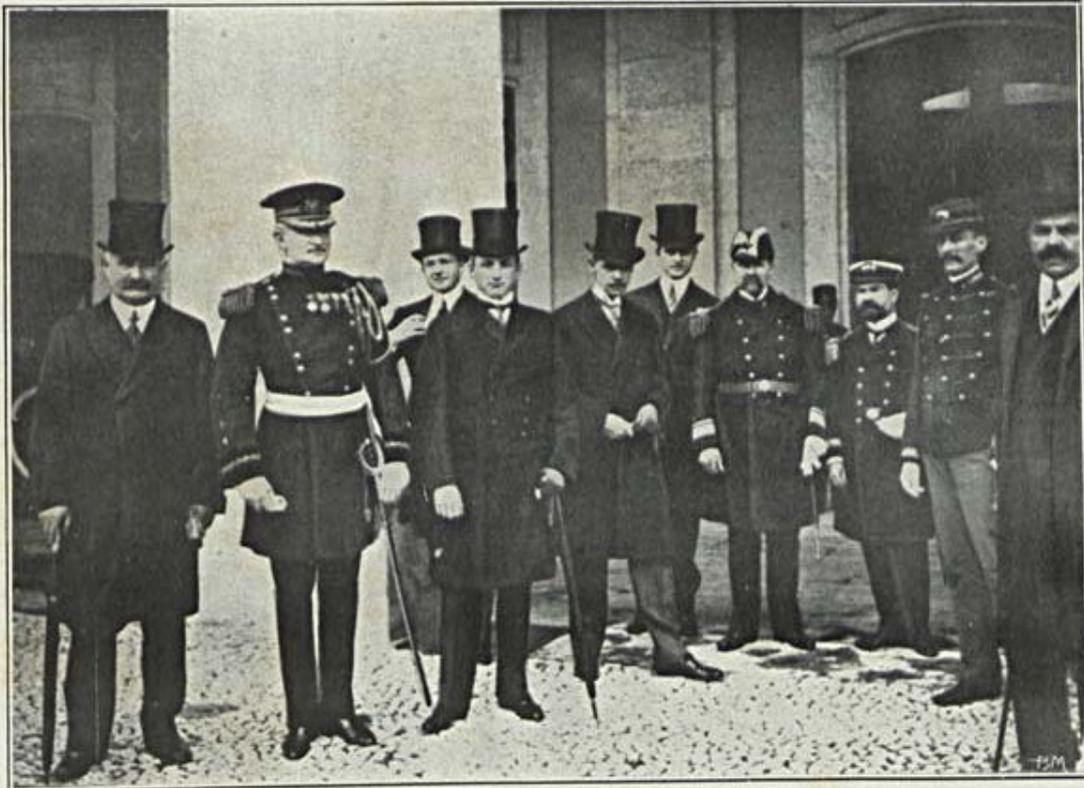
— Vicente, esta terra é boa. Tem que vêr... Tem gallos...

— Tem, e gallinhas tambem. Tem mesmo o *perpetuo gallinho*... Mas isso não veem agora para o caso...

Andámos por travessas e beccos. Assistimos ao despertar da

VISITANTES ILLUSTRES

A missão americana que veiu a Portugal annunciar officialmente a abertura do canal de Panamá



A missão americana sahindo do ministerio dos negocios estrangeiros

Percorre a Europa actualmente e esteve durante uns dias da quinzena finda em Lisboa, uma missão americana composta dos srs. Reuben Brooks Hale, presidente, Archibald C. Emery, secretario, general Clarence R. Edwards, almirante Sidney Stamtton, vice-presidente da camara do commercio de S. Francisco e Theodoro Hardee, diplomata. O fim d'esta missão é annunciar officialmente a abertura do canal de Panamá e analisar os portos da Europa para escolher aquelle que melhor possa servir para ponto de embarque e desembarque dos passageiros que partam da Europa para a America e vice-versa. Parece que a missão se retirou deveras encantada com as belleças do nosso porto, o que por todos os motivos muito nos regosija.

(Phot. de ●●●)

— Não, é Arthur — respondeu-me o amigo sem comprehender o meu truc maldoso.

N'esta occasião os creados, em volta, começaram collocando os lavabos de finissimo crystal e ouro, sobre o linho rosa. A Princeza Cezarina gralhava alegre; lá fóra a orchestra rompia com Bethoven. A excelsa Princeza com as faces muito vermelhas, segredava á Marqueza Augusta:

— Ai, filha, o espartilho e os peses... Os peses então, com o calor, ai, é um inferno...

O ministro da Iliria impertigado, com o monoculo a brilhar na orbita, pegou no lavabo da princeza e offereceu-lh'o gracioso. A Alteza sorriu agradecida e agarrou no crystal finissimo.

— Ah! sim... *beaucoup merci*... *beaucoup merci*... A limonadassinha... Não calha mal agora, para rebater...

vida na cidade. Pregões roucos subiam aos ares. E eu ia vendo esse deslizar de typos diversos, acorrentados á canga do trabalho, mourejando o pão diario. Via ali o povo, esse povo bom e ordeiro que produzia honestamente, alheio ás paixões, alheio aos crimes, degrau perpetuo das ambições inconfessaveis, sob as couves lombardas tremulando nos cestos a abarrotar. Era toda uma cidade que começava a lucta diaria, com os primeiros raios de luz bemdita que vinha fecundar a terra.

— Vicente, eu estou com somno, — disse.

E rodámos lépidos para o hotel.

CRISPIM.

A verdadeira felicidade consiste em se desejar a felicidade.

MAXIMAS

PELO

Marquês de Maricá

A beneficencia é sempre feliz e oportuna, quando a prudencia a dirige e recommenda.

O prodigo pôde ser lastimado, mas o avarento é quasi sempre aborrecido.

Ha muitos homens que se queixam da ingratidão humana para

Os elogios de maior credito são os que os nossos proprios inimigos nos tributam.

A modestia doura os talentos, a vaidade os deslustra.

E' tal a incapacidade pessoal de alguns homens, que a fortuna, empenhada em sublimar-os, não pôde conseguir o seu proposito.

Não é menos funesto aos homens um superlativo engenho, do

A festa na Escola Académica



Grupo de alumnos que desempenharam a opereta «Testamento da Velha»

(Phot. de ***)

se inculcaram bemfeitores infelizes, ou se dispensarem de ser bemfazejos e caridosos.

O interesse explica os fenomenos mais dificeis e complicados da vida social.

Ninguem considera a sua ventura superior ao seu merito, mas todos se queixam das injustiças dos homens e da fortuna.

E' bem singular que os moços sejam prodigos podendo esperar uma vida longa, e que os velhos sejam avarentos estando ameaçados de uma morte proxima ou eminente.

que ás mulheres uma extraordinaria belleza: a mediocridade em tudo é uma garantia e penhor de segurança e tranquillidade.

Os soberbos são ordinariamente ingratos; consideram os beneficios como tributos que se lhes devem.

O nosso amôr proprio é tão exaggerado nas suas pretensões, que não admira se quasi sempre se acha frustrado nas suas esperanças.

Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dôres.

O desenvolvimento do Brasil

Pombal foi um factor poderoso do desenvolvimento do Brasil... Foi um elemento de vida, um estímulo de força na Europa e no Novo Mundo. Em seu esforço para acabar com ultimos vestígios da idade media em Portugal, o ministro de José I não se esqueceu do Brasil e pôde-se dizer que os resultados aqui obtidos fôram mais brilhantes do que os alcançados na Europa. Pom-

posições da consciencia, obedecer aos preceitos moraes creados pela philosophia e julgados na historia que é o tribunal universal. Eis o dominio da moral.

Não se segue, porém, d'aqui que haja entre o direito e a moral, relações de opposição ou antagonismo. Ao contrario é preciso que haja entre uma e outra coisa perfeita conformidade. Mais claramente ainda: o direito é a propria lei moral, com esta differença: — que no direito a lei moral é assegurada coactivamente pelo poder publico.

FARIAS BRITO.

VIDA ELEGANTE

Um casamento no exilio



D. Maria Francisca Paes de Sande e Castro de Sequeira



*Dr. Nuno de Campos e Castro Pereira d'Azevedo Soares
(Carcavellos)*

Em Tuy, a velha e fronteira cidade da Galliza, realisou-se ha tres semanas um casamento de portuguezes, com um alto cunho aristocratico. Celebrou-se na residencia da sr.^a Viscondessa de Zambujal. A noiva foi sua sobrinha a sr.^a D. Maria Francisca Paes de Sande e Castro de Sequeira, gentilissima filha da sr.^a D. Leonor Paes de Sande e Castro e do sr. Dr. Antonio Manuel Teixeira de Sequeira. O noivo foi o sr. Dr. Nuno de Campos e Castro Pereira d'Azevedo Soares (Carcavellos), filho dos srs. Condes de Carcavellos.

A noiva, uma gentilissima menina da aristocracia vieille roche, tem a realçar-lhe a formosura os mais primorosos dotes de caracter e coração.

O noivo é um sympathico e intelligente rapaz que pelas suas qualidades sabe criar amigos em todos que o conhecem.

Antes da cerimonia religiosa, para a qual Sua Santidade se dignou mandar a benção, o capellão da casa do noivo, Rev.^o Joaquim Manuel Gonçalves, dirigiu aos nubentes uma commovida pratica, encantadora na forma e no conceito.

Foram madrinhas da noiva suas tias as sr.^{as} D. Anna de Bragança (Condessa de Bretiandos) e D. Maria das Dores Paes de Sande e Castro e padrinhos do noivo seu pae e tio os srs. Conde de Carcavellos e Francisco de Campos e Castro.

E' o segundo casamento celebrado no exilio. A elle assistiram muito dos emigrados da Galliza e varias pessoas da antiga nobreza que para esse fim foram expressamente a Tuy.

bal é um benemerito da historia, não por ter aniquilado a nobreza e a clerezia; elle o é como grande administrador, que não trepidára em introduzir em Portugal medidas progressivas, que estimularam o desenvolvimento nacional e abriram ali a porta ao espirito do seu seculo.

SILVIO ROMERO.

O Direito e a Moral

A lei moral e a lei juridica, se bem que exerçam sua acção conjunctamente, todavia não se confundem. O homem, como membro da nação deve obediencia ao governo e ás leis, procedendo sempre de conformidade com a ordem juridica creada pelo politico e sancionada pelo Estado que, se elle por ventura se torna rebelde, o contém por meio da força. Tal é o dominio do direito. O homem, como parte da humanidade, deve, só por força das im-

A noiva do millionario

ERA na Suissa, n'um d'esses hospitaes do cantão, onde ha um andar mobilado com luxo e destinado aos pensionistas, com o nome de casa de saude, e foi á pequena Anna Klob que a historia aconteceu.

Estava ella, como enfermeira, ao serviço do grande pratico Blachard. Não tinha gratificação fixa. O doente que tratava pagava-lhe diariamente cinco francos. A's vezes passava periodos verdadeiramente attribulados, porque não tinha que fazer, e precisava de sustentar sua avó, já incapaz de trabalhar. Era uma situação dolorosa, mas Anna, apesar dos seus vinte annos, era uma rapariga de juizo, e sabia poupar nos momentos de fartura para mais tarde evitar as horas de infortunio.

No momento em que vos fallo, depois de ter estado muitas semanas sem trabalho, de haver supportado o rude contratempo

Uma festa elegante em casa do sr. José Lino Junior

O auto de Mofina Mendes



O auto de Mofina Mendes
Mofina Mendes
(D. Maria Emilia Macieira Lino)

As gravuras que publicamos n'esta e na pagina seguinte referem-se a uma elegantissima festa de arte realisada ha poucos dias em casa da sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino e do sr. José Lino Junior.

Além do encanto proveniente da distincta assistencia, essa festa teve a notabilisa-la a representação do Auto de Mofina Mendes, do poeta Gil Vicente, que ha 3-8 annos fazia as delicias da Corte e do Povo, e que ainda hoje, pelo que se está vendo, tem attractivos para aquelles que ouvem interpretar as suas obras.

Todos os interpretes do Auto se houveram de maneira superior a todo o elogio, devendo porém especialisar-se a sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino, que se encarregou do gracioso papel de Mofina, desempenhando-o com o talento d'uma artista consumada.



O auto de Mofina Mendes
O anjo Gabriel
(D. Hortense Braz Fernandes Reis)

d'uma doença da avó, tendo de contentar-se, na maior parte do tempo, com um pedaço de pão secco por alimento unico, Anna, havia recobrado alentos. O professor Blachard tinha-lhe confiado um infeliz rapaz, operado d'um tumor canceroso no baixo-ventre, e que morria lentamente, entre sofrimentos horriveis. Anna passava junto d'elle horas de verdadeiro martyrio, quasi não repousando um momento, mas era preciso sacrificar-se, porque elle pagava generosamente. Pobre Anna!

O seu doente era um verdadeiro gigante, com um rosto esplendido, d'uma pureza antiga. Afeiçãoara-se a elle rapidamente, porque era bello, desgraçado, e acima de tudo só, desesperadamente só! Não sabia se elle teria escolhido aquelle exilio para morrer esquecido de todos. Mas a verdade é que nada o prendia a um ser vivo, nada, a não ser uma photographia que nunca lhe abandonava a cabeceira: a d'uma mulher extremamente formosa. Fixava-a muitas vezes, com uma expressão quasi dura, depois fechava as palpebras e ficava immovel.

Quem seria aquella creatura, que o deixava assim agonisar, sem soccorro, entre pessoas estranhas?

Anna despresava a dama do retrato.

N'aquella manhã, o doente dormitava, mais calmo. Fóra, o sol brilhava com tanta intensidade que fóra preciso correr o reposteiro, e da collina, coalhada de flôres, subia um perfume estonteante.

Anna, desde a alvorada, sentia-se cheia de coragem; deslissava suavemente pelo quarto, reparando a desordem da noite, preparando tudo para a visita



O auto de Mofina Mendes
A Virgem
(D. Alda dos Santos Lino)

do doutor, collocando aqui e além ramos de flôres, para alegrar o quarto, cheia de boa vontade para toda a gente. N'isto bateram á porta.

Era o correio. Trazia apenas uma carta. Ao lançar-lhe os olhos, uma onda quente percorreu o corpo da donzella, porque essa carta era de seu noivo.

Anna passou devagarinho por deante do enfermo e foi collocar-se em frente da janella, aberta sobre a campina ardente.

Após o primeiro affluxo de sangue, percorreu-a um estremecimento... Porque lhe escreveria elle? Era tambem enfermeiro e fazia parte, como ella, do pessoal do hospital.

Havia já seis mezes que tinha perdido Anna, que só encontrara forças para aguentar a sua ultima crise de miseria no pensamento da sua proxima união.

Anna amava esse homem loucamente e depositava n'elle uma confiança illimitada. Porque lhe escreveria? Tratava-o já como seu marido, e acontecera o inevitavel, tendo-lhe confessado na vespera que se impunha a necessidade d'um casamento immediato.

Amachucava o envelope com os dedos frios, trémulos.

Depois, resolveu-se a abril-o.

Algumas linhas indicaram-lhe, em termos seccos, que o seu promettido abandonava o hospital para entrar n'uma clinica particular e que Anna jámais o tornaria a vêr.

As coisas oscillaram de repente deante da pobre creança. Estremeceu, os ouvidos zumbiam-lhe com tanta força que olhou instinctivamente para fóra a vêr quem faria tanto barulho.



O auto de Mofina Mendes
A prece da virgem

Abandonava-a assim, sem nada a que pudesse recorrer, elle que era o objecto constante de todos os seus pensamentos!
A carta cahira por terra. Anna, apoiada ao parapeito da ja-

era uma rapariga honesta. Anna deu alguns passos para o leito e desatou em soluços. O mancebo deixou-a chorar e depois perguntou-lhe com grande auctoridade:



O auto de Mofina Mendes — A Anunciação

nella, fixava o lago. Deante d'ella erguia-se, attrahindo-a, a imagem do suicidio, porque, além da sua dôr, era-lhe impossivel viver com a dupla carga d'uma velha e d'uma creança.

— Conte-me tudo! tudo!

E ella contou, impotente para conter o seu desespero. Descreveu-lhe a sua pobreza, a impossibilidade de supprir aos seus en-



O auto de Mofina Mendes — A scena do nascimento

(Phot. de ...)

Depois de se conservar assim muito tempo, voitou-se e encontrou fixos sobre ella os olhos do seu doente. Sentiu-se envergonhada deante d'aquelle olhar e còrou, porque, apesar de tudo,

cargos, o seu estado actual, o abandono do seu noivo e concluiu:
— Tenho de morrer!

O doente meneou a cabeça. Reflectia.

Anna já não chorava e repetia machinalmente:
 — Tenho de morrer! Tenho de morrer!
 Elle então respondeu com toda a simplicidade:
 — Deixe-me partir primeiro. Não terá que esperar muito tempo!
 Anna fez um signal de protesto, depois comprehendeu que

em que era preciso ligal-o ao leito; quando passavam, ficava ex-gottado, n'uma especie de coma. As suas noites eram um gemido continuo. Anna esquecia as suas proprias dôres, só pensando em alivial-o, multiplicando-se infatigavel. Elle tambem não queria outra pessoa á cabeceira, repellindo os proprios enfermeiros.

A recita do "Real Centro Español de Lisboa" no Theatro Nacional



Grupo de senhoras e cavalheiros da primeira sociedade que tomaram parte nos bailes e cantos regionaes

No antigo theatro de D. Maria II realisou-se no dia 3 uma recita deveras sensacional, attrahindo áquella sala de espectaculos uma grande enchente do que mais distincto tem em Lisboa a alta sociedade e a colonia hespanhola.

Foi promovida pela comissão de senhoras que, patrocinada por Sua Magestade a Rainha Victoria de Hespanha, está organisando, no Real Centro Español de Lisboa, as escolas que terão o nome da Augusta Senhora e n'ella tomaram parte amadores e artistas hespanhoes, estes actualmente de passagem em Lisboa e aquelles pertencentes á colonia.

A festa prestou o seu valioso auxilio o illustre e querido ministro de Hespanha em Portugal, sr. Marquez de Villalobar, e ao seu exito financeiro, isto é ao rendimento, que foi brilhante, juntou-se o exito artistico. A comedia Los corridos e o seu desempenho agradaram immenso, os numeros de Breton executados por uma orchestra dirigida por D. Pedro Blanc foram muito applaudidos, o solo de harpa ouviu muitas e justas palmas assim como os de canto e a terceira parte que se intitulava Uma festa hespanhola, agradou por completo, pois n'ella haviam tangos, jotas, sevillhanas, chegando o entusiasmo ao delirio quando uma das amadoras cantou:

*Tres cosas tengo en el alma
 Que no puedo olvidar,
 El-Rey, la Reina Vitoria
 Y la Virgen del Pilar.*

Os applausos e os vivas á Hespanha romperam de todos os lados, tendo de repetir-se a quadra e cantando-se depois outras ao som da mesma jota em que haviam amaveis referencias á amizade existente entre Portugal e Hespanha.

Da Festa hespanhola fazia tambem parte o pregão da conhecida zarzuela Sangre moza cantado por mademoiselle Assumpcion Morales de los Rios, uma das mais queridas e formosas meninas da sociedade elegante de Lisboa, filha da sr.^a D. Amelia Burnay Morales e do sr. D. José Morales de los Rios e neta da sr.^a Condessa de Burnay. A gentilissima menina que vestia um caracteristico traje de cigana e que como estamos habituados a vêr na zarzuela trazia á mão um burro, vinha seguida de um grupo de meninas e rapazes em destaque na alta roda, entre as quaes mesdemoiselles Arcelina Taboeira, Josephina Burnay Morales e O'Neill de Goyri e os dois secretarios da legação hespanhola, todos trajando ricamente á cigana. Foi recebida com demonstrações de sympathia e cantou com muita arte e charme, bisando e ouvindo muitos e entusiasticos applausos.

Emfim a festa do dia 3 que teve o condão de reunir uma assistencia selecta fazendo-nos recordar tempos passados, teem direito a figurar n'esta pagina do Brasil-Portugal.

Eg.

estava deante d'um homem que se não podia contrariar e inclinou a cabeça.

Passaram muitos dias... Anna vivia quasi machinalmente. O mancebo soffria cada vez mais; sobrevinham-lhe crises furiosas,

Uma tarde, durante um periodo de calma, murmurou:

— Está a chegar a minha hora!

E interrompendo a rapariga, que tentava protestar, perguntou:

— Ninguem veiu procurar-me? Não chegou nenhuma carta?

Tem a certeza d'isso?

Encolheu os hombros e continuou:

— Estou desorientado, perdê-me!

Houve um silencio, depois suspirou como se toda a vida lhe fugisse, e accrescentou lentamente:

— E' tempo; mande chamar o capellão, Anna.

Os olhos de Anna embaciaram-se. Aquelle desconhecido tornara-se o seu unico amigo e tremia ao pensar que se approximava o seu fim.

Sahiu devagar, trouxe o padre e deixou-o só com o doente.

Sentada no corredor, esperava, aniquilada.

D'ahi a pouco a porta entreabriu-se, o capellão fez-lhe um signal, levou-a junto do doente, depois, sem rodeios, porque era um homem que tinha assistido a muitos dramas, disse-lhe:

— Este senhor quer consorciar-se consigo, Anna; consente?

Anna, aterrada, contemplou o moribundo; o seu rosto espalhava um grande socego. Pegou nas duas mãositas que com tanta dedicação o tinham tratado e murmurou:

— Quero deixar a minha fortuna a alguém que d'ella seja digno. Foi a si que eu escolhi, Anna!

Só n'aquelle momento ella descobriu que um certo retrato havia desaparecido. O mancebo continuou:

tar-lhes a fama, porque não abundam n'esta nem a graça nem a originalidade. Os quadros de comedia que apresenta são longos em excesso, e aquelle em que parece terem posto os auctores mais confiança *Restauração da monarchia em Santo Thyrsó*, peca pelo mesmo defeito. Se fosse mais curto, manter-se-ia até ao fim o interesse que no principio desperta. Como está, cança para o fim.

Comtudo, a nova revista está posta com tal arte, com tanto gosto, com tão desusado luxo, que bastam para lhe dar longa vida os primores de scenographia e as riquezas do guarda-roupa deslumbrante.

Castello Branco e Luiz Salvador firmaram os seus créditos, por fórma que os honra.

Tem trechos lindissimos a musica de Del-Negro e Luiz Pacheco, e brilham no desempenho Cremilda, a heroína do *Có-có-ró có*, Izabel Ferreira, Fragoso, Emilia Roma, e entre os homens tem, é claro, a primasia José Ricardo, seguindo-se-lhes por sua ordem A. Cruz, Amaranthe e Santos Mello.

Não ha duvida que a empresa do **Avenida** bateu o *record* pela fórma opulenta porque poz em scena a nova revista.

No **Apollo** o novo quadro da Revista *Preto no branco* faz re-credescer todas as noites o entusiasmo pelo bello trabalho de Schwalbach e Accacio de Paiva, ao qual já prestámos n'estas columnas a devida homenagem.

O final novo do 2.º acto pintado com arte inexcédível por Luiz Salvador, o final do 3.º modificado para melhor, o superior effeito agora produzido pelo *calke-walke*, o admiravel fecho da peça, que ap-

Escola de Arte de Representar



Demonstração dos «Frades» de Gil Vicente, pelos alumnos da escola no salão do Conservatorio

Da esquerda para a direita: Rosa Matheus, Othello de Carvalho, D. Marina Rodrigues, Fernando Osorio (conferente), dr. Julio Dantas (director da escola), Francisco Lage, Felix do Amaral, Arnaldo Brandeiro, Luiz Ripado e D. Stella Leitão.

(Phot. de A. C. Lima)

— A vida abandona-me. Posso salvar a de dois sores, e é essa a minha maior consolação. Não recuse!...

Anna, cujo coração parecia partir-lhe o peito, cahiu de joelhos; o mancebo acariciava-lhe os cabellos com meiguice e ella chorava, chorava sempre. Lagrimas de dôr, lagrimas de allivio, quem sabe? Tudo n'ella se curvava deante da bondade d'aquelle homem.

Uma hora depois foi consumado aquelle casamento *in extremis*.

E no dia seguinte, Anna Klob, a pobre Anna Klob, era viuva d'um millionario!

THEATROS

Avenida: *Có-có-ró-có* — **Apollo:** *Preto no branco* — **Rua dos Condes:** *Sem garantias* — **Colyseu dos Recreios:** *Watry*.

Duas revistas estão sendo a *great attraction* dos theatros de Lisboa: a do **Avenida** e a do **Apollo**.

A primeira: *Có-có-ró-có* é firmada por trez nomes de ha muito acreditados no genero: André Brun, Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes. É certo que esta nova producção não é de molde a augmen-

parece agora como primitivamente fôra escripto, são outros tantos attractivos que remocam e realçam *O preto no branco*, e contribuem para o exito colossal da peça a que ligaram os seus nomes, dois escriptores que á custa de talento e aptidão ganharam ao theatro as suas espôras de ouro.

A empresa da **Rua dos Condes** descobriu o meio de encher duas vezes por noite a sala do seu theatro. A revista *Sem garantias* tem um pouco de tudo, musica, graça e bom desempenho. E só assim se comprehende que o publico não escasseie nas suas duas sessões, applauda e saia do theatro satisfeito.

No **Colyseu dos Recreios** Watry, Watry, Watry. Só elle é uma companhia inteira, elle enche uma noite, elle absorve todas as atenções, é alvo de todos os olhares, suspende em toda a gente a respiração, põe todas as cabeças a razão de juro, é o rei, o senhor absoluto das regiões de Mysterio.

Só lhe faltava cortar cabeças em scena. [Melhor que Herodes da tradição, degola em publico, innocentes e culpados. E' um homem das arabias, o magico por excellencia, o assombro feito homem. E' de tal ordem que até o empresario do Colyseu se admira de bastar um artista para todas as noites lhe encher a sala vastissima.

Animatographos e outros espectaculos

Chiado Terrasse — As esplendidas fitas *Cruz da Victoria*, *Vida aquatica*, *Bebê e a balança da justiça* e *Os cinco sentidos* atraem todas as noites ao elegante salão um publico numeroso e escolhido.

Salão da Trindade — Rara a noite em que não exhibe pel-

liculas novas. Interessam extraordinariamente a de 600 metros *Fóra da lei*, em que os bandidos dos automoveis são protagonistas, *Cretinetti magistrado*, *Segredo das ruínas* e tantas outras que a empresa

No **Phantastico** já celebrou as suas bôdas de ouro, isto é, já attingiu a 50.ª representação o famoso *Chucha Zé*. Pois lá continúa em scena remoçada pela apparição da formosissima Flora Ochôa.



Demonstração dos «Frades» de Gil Vicente, no salão do Conservatorio

Frei Narciso
(Arnaldo Brandeiro)
1.º anno

Moça Florença
(D. Stella Leitão)
1.º anno

Frei Capacete
(Felix do Amaral)
2.º anno

Frei Paço
(Luiz Ripado)
1.º anno

d'esse salão proporciona todos os días a um publico ávido de sensações.

No **Foz**, além de fitas variadas e interessantissimas, os duettistas

O **Olympia**, o **Edison**, o **Central**, continuam a ser pontos obrigados de reunião e a attrahir, aos seus lindos salões, um publico de gosto, que se não cança d'esses espectaculos artisticos, em que em-

THEATROS

THEATRO DO GYMNASIO — O amor ençarrafado



2.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

italianos Serrana e Moreno justificam em cada representação o encanto que desde a primeira despertaram e são o principal attractivo d'esse salão confortavel.

presarios habeis teem o supremo condão de apresentar novidades continuadas e de satisfazer os mais exigentes entre os seus espectadores.